

Tijolo por tijolo

Com a ajuda do atacante Cléo Silva, ex-pedreiro, Botafogo-SP tenta dar o primeiro passo rumo à Série B

Arthur Stabile

arthur.stabile@diariosp.com.br

Cléo Silva terá a chance de recolocar o Botafogo-SP na vitrine do futebol nacional. Hoje, às 19h, o time começa a disputar as quartas de final da Série C do Brasileiro, contra o ABC-RN, no Estádio Santa Cruz, em Ribeirão Preto. É o primeiro degrau rumo à Segundona, torneio que não disputa desde 2002. E degrau é uma especialidade do atacante. Literalmente.

Antes de jogar futebol, Cléo Silva teve várias profissões, entre elas, a de pedreiro. Ajudou a subir escadas, paredes e encher lajes de casas de Rio Preto, cidade no interior de São Paulo. Tudo para garantir o sustento da mãe, Maria Luiza, do pai, seu Olegário, e dos seis irmãos, que moravam no Nordeste.

“Vim do Sergipe para São Paulo com 18 anos, em 2008. Morava em Salgado, cidade 40 km longe da capital, Aracaju. Jogava na base do Confiança, mas as coisas não andavam. Parei porque precisava sustentar a família. Decidir vir para São Paulo trabalhar”, explica o atleta, ao DIÁRIO.

Foram três anos de trabalho pesado. Mas nunca abandonou o futebol. Aliava os dias de pedreiro ou na fábrica de canos de PVC, outro lugar onde conseguiu emprego, até conseguir a primeira chance no futebol profissional. Foi no Rio Preto, time da cidade, o pontapé inicial da carreira. Ali, conseguiu largar a argamassa e os tijolos.

Superar o ABC nos dois jogos é essencial para o futuro, afinal, os quatro clubes classificados às semifinais da Série C garantem o acesso. Mas, para chegar até Ribeirão e a final desta noite, o caminho foi longo. Cléo passou por Grêmio Maringá, Itumbiara, Novorizontino, Boa Esporte, Cuiabá e Joinville...

CALEJADO/ As várias mudanças durante os quase cinco anos de profissionalismo não fazem Cléo desanimar, pelo contrário. Comemora o já conquistado e não se poupa de sonhar.

“Meu sonho é ajudar ainda mais minha família, buscar um clube de maior expressão... O Botafogo é grande, ganho bem aqui, não tenho do que reclamar, mas sempre queremos algo melhor para a vida. Quem sabe surge algo no Brasil ou fora. Depende desse acesso”, revela, pensando no próximo degrau.



Cléo só foi se profissionalizar aos 21 anos, idade considerada elevada para os padrões do futebol brasileiro

Guarani é outro paulista em busca do acesso

■ Clube do interior paulista tão tradicional quanto o Botafogo-SP, o Guarani também joga as quartas de final da Série C tentando de voltar aos tempos áureos. Terá pela frente o Asa-AL, a partir das 19h de amanhã, no Estádio Municipal de Arapiraca.

A vantagem dos bugrinos é decidir o acesso em seus domínios. Joga a volta no Brinco de Ouro da Princesa, no dia 8, para

deixar os fantasmas para trás. Afinal, são quatro anos amargando a Terceira Divisão do Campeonato Brasileiro. O clube não disputa a Segundona desde 2012, mesmo ano em que decidiu o título do Paulistão contra o Santos — derrotado, ficou com o vice.

O período afastado da elite é ainda mais longo: desde 2010, ano em que subiu e não conseguiu se manter na Primeira Divi-

são do futebol brasileiro.

E pensar que o clube era um dos esquadões nas décadas de 1970 e 1980. Em 1978, se tornou o primeiro clube do interior do Brasil a conquistar o Brasileirão, com Careca e Zenon no elenco. Ainda seria vice em 1986 e 1987.

Ainda estão na briga da Série C Botafogo-PB e Boa Esporte, que jogam hoje, e Juventude e Fortaleza, que se pegam na segunda.

ENTREVISTA

Cléo Silva,
Atacante do Botafogo-SP

‘O acesso é mais importante do que o título’

DIÁRIO_ Como foi a preparação do Botafogo para essas decisões contra o ABC?

CLÉO SILVA_ Trabalhamos forte. Temos uma expectativa grande. Buscamos o acesso, um divisor de águas para a gente. É um jogo que vale por dois anos: por todo o trabalho de 2016 e para definir como será 2017.

Ter o primeiro jogo em casa faz diferença?

É fazer valor o mando nesse jogo de ida. A torcida deixará a casa cheia, sei que os ingressos estão todos esgotados.

O Botafogo ganhou a Série D no ano passado. O que representaria, também, conquistar o título da Série C?

Não estava no título do ano passado, mas foi importante. Joguei o Paulista deste ano com o Novorizontino, fui para o Joinville jogar a Série B, as coisas não deram certo e vim para cá. Deu certo.

Já pensa em ser campeão?

É possível ganhar o título, mas com cabeça jogo a jogo. Primeiro, o ABC, depois pensar lá na frente. O acesso para a Série B é mais importante para o clube e para nós do que o título. Muda todos de patamar. A conquista da taça seria algo a mais, coroa. Subir de divisão concretizaria todo o trabalho.

Como viveu até conseguir virar jogador?

Em Rio Preto, trabalhei por três anos até conseguir um teste no clube da cidade. Fui pedreiro, funcionário de fábrica de canos de PVC... Fiz de tudo. Morava com meu primo, Guilherme. Dividíamos o aluguel, então, dava para me sustentar aqui e mandar dinheiro para a minha mãe e o meu pai, que são separados faz tempo. Ainda ajudava meus seis irmãos.

Dava para conciliar com o futebol?

Tentava. Trabalhava e, ao mesmo tempo, jogava em um time de várzea. Sem gente da família por perto, a cabeça ficava em dúvida. Tinha o sonho de ser jogador, o que quase toda criança tem e, do outro, o de ter a responsabilidade de ajudar a família. Ganhava pouco mais de R\$ 1.000, era difícil.

Qual a sua maior conquista até agora com o futebol?

Hoje, não posso reclamar de nada. Consegui comprar uma casa para minha mãe, ajudar meu pai. Essa é a minha maior conquista: poder garantir uma vida melhor para eles.